



ARTICULAÇÃO ENTRE TEXTO E IMAGEM: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DIALÓGICA NO CONTO *BRANCA DE NEVE E AS SETE VERSÕES*.

Maria José Cavalcanti de Andrade

Secretaria de Educação de Pernambuco/UNICAP/FALUB-profzeze@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de abordar noções da teoria dialógica na história *Branca de Neve e as sete versões*, evidenciando as relações dialógicas entre o autor, o leitor e as vozes sociais que emergem na narrativa. O discurso dialógico destinado ao próprio leitor requer uma resposta consolidada em forma de escolha para o prosseguimento da história. Dialogismo, polifonia, compreensão responsiva, ideologia, noção de consciência, noção de valor e entonação são noções que evidenciam que a referida obra da literatura infantojuvenil possibilita a formação de uma nova mentalidade e proporciona ao ser humano gerenciar sua relação com o outro. Nessa perspectiva, acentuamos a relevância do caráter social e ideológico da língua. A influência da imagem promove aos jovens leitores a interação com o livro, constituindo-se como sujeitos pensantes e reflexivos e que, sobretudo, têm o poder de escolha para a continuidade da referida história. A função narrativa da ilustração enriquece o texto, oferecendo surpreendentes alternativas aos leitores. A escrita da narrativa quebra paradigmas convencionais e propicia a interação leitor/texto/outras vozes que estão centradas na narrativa. Finalmente, as relações dialógicas do homem estão imbricadas na literatura infantojuvenil desde suas fontes indo-europeias até os dias atuais.

Palavras-chave: conto, ilustração, dialogismo, vozes.

1. Introdução

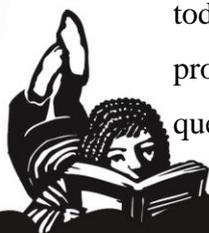
No trabalho ora proposto, focaremos as contribuições da teoria dialógica no conto *Branca de Neve e as sete versões*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e ilustrações de Bruna Assis Brasil. Assim, o objeto de estudo é a articulação entre texto e imagem observada nas relações dialógicas entre o autor, o leitor e as vozes sociais que emergem na narrativa.

A história supracitada é pertinente ao estudo, haja vista que existem relações dialógicas entre as personagens, entre o autor e o leitor e entre vozes que surgem e dialogam com o próprio leitor. Mas, de onde vêm essas vozes? Notadamente, elas são vozes sociais que instigam o leitor a dar continuidade à história.

A narrativa em tela propicia esse estudo, alicerçado no dialogismo, pois, a obra em si é toda trabalhada na palavra e na imagem. As imagens possuem relevância nas escolhas das propostas de continuidade da história. Elas influenciam, contribuem significativamente para que os leitores tomem suas próprias decisões. E é de sorte que a estética, a beleza, a riqueza do

(83) 3322.3222

www.enlije.com.br





detalhes encontradas nas ilustrações da obra favorecem a tomada de decisões de forma crítica e reflexiva.

Em Bakhtin (2004, p. 113), vimos que toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Nas situações do cotidiano, relacionamo-nos com os outros e nessas relações, todos se constituem. Nessa perspectiva, a formação de leitores se faz pelo acesso e leituras de textos e ilustrações variados. E, nessa constituição como sujeitos leitores, as ilustrações desempenham relevante papel, pois, fazem parte do discurso apresentado.

Para Bakhtin, o sujeito vai se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais, e ao mesmo tempo, suas interrelações dialógicas. Toda produção de linguagem é dirigida para o outro. O dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. É válido ressaltar que a história *Branca de Neve e as sete versões* é dirigida para o outro. O leitor é quem determina o que irá acontecer, de conformidade com as suas escolhas.

O leitor torna-se responsável pelo prosseguimento da história, emitindo valores, julgando, escolhendo, pois, conforme Faria (2008, p. 19), “O texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de ‘experimentar uma vivência simbólica’ por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou imagens”.

A seguir, elencaremos alguns pontos que serão discutidos nesse trabalho.

2. A história *Branca de Neve e as sete versões*: uma releitura da história *Branca de Neve e os sete anos*.

A história *Branca de Neve e as sete versões*, de Torero e Pimenta (2011) é uma releitura da história de *Branca de Neve e os sete anos*, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Na nova história surgem sete momentos em que o leitor da narrativa encontra possibilidades de escolher qual o caminho a tomar. Ainda é possível voltar atrás e mudar de ideia, caso o desfecho escolhido não agrade ao leitor.

Percebemos na história em apreço como a clássica história de *Branca de Neve e os sete anos* é reelaborada com vistas a possibilidades de interação, de dialogicidade entre o texto, o leitor, o autor e as vozes que surgem e que carregam valores que dependem do conhecimento de mundo, da vivência do leitor. Os autores resolveram dar uma nova roupagem ao clássico conto de fadas, promovendo as relações dialógicas entre o autor, o leitor e as possibilidades de escolha para o prosseguimento da história. Comprovamos isso no fragmento que segue

Porém, Branca de Neve ia crescendo e a cada dia ficava mais bonita, até que, certa manhã, acordou mais bela que a Madrasta.

Neste dia, a Madrasta foi até o seu espelho mágico e perguntou:

-Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?





VII ENLIJE

E agora? O que você acha que acontece? Se você quer que o espelho minta, vá para a p. 08. Se você quer que ele diga a verdade, vá para a p. 10. (TORERO e PIMENTA, 2011, p. 07).

Com a inserção da voz que se apresenta para ofertar possibilidade para o leitor escolher como a história continua, verificamos a responsabilidade que o próprio leitor assume à medida que ele escolhe o próximo passo. Essa escolha não é aleatória, mas depende do conhecimento de mundo, do conhecimento prévio e de uma nova mentalidade das pessoas, haja vista que elas mudaram algumas atitudes e comportamentos ao longo dos tempos. O sujeito vive no mundo de discursos, no mundo de linguagens, e, como tal, ele evolui através dos tempos.

Sabemos que o ser humano só existe na relação com o outro. E é de sorte que a voz que se lança e propõe uma das alternativas ao leitor, propicia que o próprio leitor interaja com o outro que está centrado no texto. No caso, o autor. A comunicação responsiva perpassa pela questão de que cada enunciado é um novo e único acontecimento, mas pode manter relações dialógicas entre outros enunciados. Na referida história, cada escolha realizada pelo leitor é um novo e único acontecimento e mantém relações dialógicas com outros enunciados.

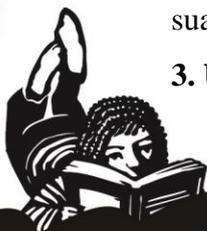
A história em pauta justifica que a Literatura Infantojuvenil instiga o leitor a refletir e a escolher possibilidades. Vemos isso em:

Por este viés, a leitura ganha espaço por possibilitar a abertura para a formação de um novo estar no mundo, de uma nova mentalidade, uma vez que é ela que proporciona a consolidação do ser humano enquanto gerenciador de sua relação com o outro. Assim, ler torna-se imperioso se quer-se celebrar a independência de pensamento, descobrir infinitas possibilidades de construção de conhecimento, colocar-se como ser pensante e reflexivo diante de um mundo em constante mudança. (SILVA e NIEDERAUER, 2014, p. 2).

Como se vê, as autoras citam a leitura da literatura infantojuvenil como uma porta aberta para a formação de uma nova mentalidade, proporcionando ao ser humano gerenciar sua relação com o outro. É nessa perspectiva que acentuamos a relevância de se considerar o caráter social e dialógico da língua.

A literatura possibilita a compreensão das relações sociais, do outro, enfim, da vida. Nesse estudo, ater-nos-emos à literatura infantojuvenil consolidada na história supracitada por termos encontrado vieses para os estudos dialógicos. O leitor, posto como ser pensante e reflexivo, dialogando com a voz que lhe oferta possibilidades, admite, através da realização de sua escolha, o cumprimento de sua tarefa: dar continuidade à história.

3. Uma leitura de *Branca de Neve e as sete versões* com base na teoria dialógica





VII ENLIJE

Nesse artigo, analisaremos a história em pauta na perspectiva da teoria dialógica e ater-nos-emos apenas a algumas categorias, pois, dada a abrangência dessa teoria para os estudos da linguagem, torna-se pouco viável ora ampliarmos esse estudo. A noção que primeiramente abordaremos será o dialogismo. Voloshinov (1930), em seu postulado evidencia que

nós sabemos que todo discurso é um discurso dialógico orientado em direção a alguém que seja capaz de compreendê-lo e dar-lhe uma resposta, real ou virtual. Esta orientação em direção ao “outro”, em direção ao ouvinte, conduz necessariamente a se levar em conta a relação social e hierárquica que existe entre os interlocutores.

Colocando, pois, essa citação face a história, percebemos o quão pertinente ela é, pois, o discurso dialógico é o princípio constitutivo da linguagem e pode fundamentar a análise do funcionamento da linguagem. O trecho supracitado evidencia uma relação social, pois, essa voz que surge e indica quais os caminhos que estão à disposição do leitor é uma força viva que organiza o contexto do enunciado. Essa voz permite que o leitor conscientemente escolha.

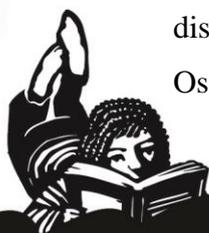
E, por estarmos abordando consciência, vale ressaltar que Bakhtin (2004, p. 35) postula que “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais”. O autor ainda comenta que a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. É justamente no curso das relações sociais da história em análise que se observa que as escolhas feitas pelo leitor dependem da lógica da consciência e da lógica da comunicação ideológica.

Nessa perspectiva, sabemos que a palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana. Portanto, ela é o modo mais puro da relação social.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2004, p. 36).

Reportando-nos à história em análise, citaremos um trecho para, posteriormente, discutirmos sobre a lógica da consciência.

Em Branca de Neve e as sete versões (2011, p. 14-17), percebemos várias situações, dentre as quais: o narrador relata que o Caçador não teve coragem de matar Branca de Neve e ordenou-lhe que corresse o mais que pudesse, procurasse um lugar distante e ficasse lá para sempre, para a rainha nunca encontrá-la. Posteriormente, Branca de Neve saiu correndo em disparada, arranhando-se, tropeçando em pedras e se molhando quando atravessava os riachos. Os pássaros, os esquilos e os coelhos decidiram ajudá-la, guiando-a até uma pequena casa. A





VII ENLIJE

moça bateu palmas, perguntou se ali havia alguém, mas ninguém respondeu. Então, ela abriu a porta e entrou na casa, que estava bem bagunçada. Aí, entra em ação a voz que surge e oferta duas possibilidades, a saber:

O que você acha que Branca de neve vai fazer? Ela vai bagunçar ainda mais a casa (vá para a p. 18)?

Ou você acha que Branca de Neve vai arrumá-la (vá para a p. 22)?

(TORERO e PIMENTA, 2011, p. 17).

Então, o leitor precisa fazer sua escolha. Mas, o que se percebe? Como o próprio Bakhtin afirma: que a lógica da consciência é a lógica da consciência ideológica. Nesse sentido, o leitor vai escolher se Branca de Neve irá bagunçar ainda mais a casa ou se irá arrumá-la. Como para Bakhtin, a ideologia tem uma acentuação valorativa, essa escolha por parte do leitor apresenta o índice de valor de um grupo social do qual o falante faz parte. Bagunçar a casa ou arrumar a casa vai depender dessa atitude valorativa. Não se pode dar conta de uma totalidade, mas de um ponto no qual se está focando.

Destacamos agora outra noção a ser discutida na história em tela: a polifonia.

o dialogismo e a polifonia estão vinculados à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens, à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada.

(BRAIT, 2012, p.191-192).

A multiplicidade das vozes da vida social, cultural e ideológica é observada em toda a história *Branca de Neve e as sete versões*. Na narrativa, aparece por sete vezes a possibilidade de escolha. Então, é a partir dessa voz que oferta alternativas que o leitor reflete para poder escolher. E é essa voz que instiga o leitor a escolher de acordo com sua constituição como sujeito. Como se pode observar, a trajetória de Branca de Neve será escolhida. Então, a própria personagem é constituída por várias vozes sociais: a voz do próprio leitor (que escolhe), as vozes da vida social que, por sua vez, constituem o leitor, as vozes que perpassam pelo mundo ideológico do leitor. Existem marcas de diferença ideológica nas escolhas a realizar. O leitor escolhe de acordo com sua constituição como sujeito ideológico.

Em Brait (2012, p. 193), percebemos que a passagem do monologismo para o dialogismo tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. Em *Branca de Neve e as sete versões*, tomemos a questão da polifonia que apresenta a multiplicidade de vozes que vão surgindo no decorrer da narrativa.





VII ENLIJE

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma “mudança radical da posição do autor em relação às pessoas [grifo meu] representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades.

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto de discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. (BRAIT, 2012, p.194).

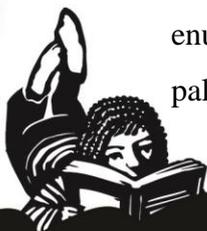
De acordo com Ivanova (2011, p. 252), “O processo da percepção está intimamente ligado ao processo da compreensão. Em suas pesquisas, Voloshinov aborda também a questão da natureza da compreensão”. Voloshinov indica que cada compreensão verdadeira é ativa e serve de germe para uma resposta, isto é, que cada compreensão possui uma natureza dialogal. Conforme podemos ver, na história em tela, o processo da percepção do que está sendo narrado direciona-se para o processo de compreensão e, nesse processo de compreensão, o leitor é conduzido a escolher o caminho a percorrer. Então, essa voz que surge e direciona para uma resposta, requer uma compreensão responsiva por parte do ouvinte. No caso da referida história, a compreensão responsiva dar-se-á por parte do leitor, que interage com o texto e faz suas escolhas. A respeito dessa responsividade, vemos em

Portanto, toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.

[...]

Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. BAKHTIN (2011, p. 272).

Fortalecendo, então, o postulado de que cada enunciado é um elo na corrente de outros enunciados, percebemos em Bakhtin (*op.cit.*, p.295) que a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua (83 não deve





VII ENLIJE

imediatamente do significado dessas palavras. O autor comenta que essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada.

Na seguinte passagem da narrativa, aponta-se uma outra noção da teoria dialógica. A propósito, bem interessante.

O pior é que a Madrasta, além de ser malvada, era uma feiticeira. Sabia fazer encantos e poções. E ela tinha até um espelho mágico.

Todos os dias, a Madrasta consultava este espelho, perguntando:

-Espelho, espelho meu, existe alguém no mundo mais bela do que eu?

E o espelho respondia:

-Não, majestade, ninguém é mais bela do que vós. (TORERO e PIMENTA, 2011, p. 07).

Percebemos que a entonação da pergunta feita pela Madrasta ao espelho mágico requer uma resposta que lhe seja favorável, ou seja, que esteja de acordo com o seu pensamento: que ela é a mais bela mulher do mundo. E o espelho realmente corresponde às suas expectativas. Segundo Ivanova (2011, p. 249-250), no artigo *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), da autoria de Voloshinov, o autor discute a questão da natureza social da entonação. Ele faz uma observação muito interessante sobre a influência da entonação sobre “a imagem do outro”, da qual depende a construção do enunciado.

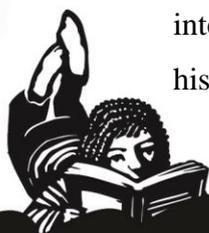
Voloshinov mostra ainda que as diferenças de entonação e de construção do enunciado, dependem do acordo ou desacordo entre os participantes. No momento em que a Madrasta faz a pergunta, o enunciado se constroi, suscitando-se esse acordo entre ela e o espelho, que no momento, mantinha com ela uma relação dialógica. Comprovamos as evidências da entonação sobre a imagem do outro também no seguinte fragmento da citada história.

Depois, a princesa, que agora era a Princesa das Trevas, entrou na casa dos anões e mordeu o pescoço de cada um, transformando-os em vampirinhos.

Por isso, tome muito cuidado se você tiver que andar à noite pela floresta encantada. (TORERO e PIMENTA, 2011, P. 35).

Percebemos nesse fragmento à ideia de entonação, pois, as palavras se apresentam ao leitor um tom de aconselhamento, de alerta. Considerando-se que a Princesa das Trevas andava à noite pela floresta. Então, essa voz que aconselha está ligada à “imagem do outro”.

Reportando-nos a Jakubinski, o que de fato marca a sua teoria é a linguagem na interação. Conforme dissemos anteriormente, os gestos são constitutivos de uma conversa. Na história em tela, percebemos que eles expressaram os sentimentos dos outros anões, quando





Sabido informou da morte de Branca de Neve. Comprovamos em Torero e Pimenta (2011, p. 37) que “ Os outros seis anões abriram a boca, arregalaram os olhos e ficaram a olhar uns para os outros. Eles não queriam acreditar que aquilo fosse verdade”. Deprendemos, pois, que os gestos de abrir a boca e arregalar os olhos foram constitutivos da conversa dos anões. Eles demonstraram surpresa e, como indica o próprio enunciado, não acreditavam que a morte de Branca de Neve tivesse ocorrido.

4. A ilustração em textos infantojuvenis : contribuições para a compreensão textual

Os estudos semióticos já demonstraram fartamente que transmitir uma mensagem não é privilégio das línguas naturais. A linguagem pictórica também pode narrar uma história. Comparado ao código verbal escrito, o código imagético é uma representação mais concreta, possibilitando uma comunicação mais direta e ampla. Destarte, nos livros ilustrados, a imagem proporciona ao leitor o suporte, a pausa e o devaneio tão importantes em uma leitura criativa. Como a música, a ilustração é uma linguagem universal, que pode ser entendida por qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo sem necessidade de tradução. (LÔBO, 1999, p. 82).

Como afirma o autor, o código imagético possibilita uma comunicação mais direta e ampla do que o código verbal escrito. Evidencia-se a contribuição das ilustrações presentes nos livros infantis para a formação de leitores. O texto imagético desperta o interesse do leitor infantil, estimulando-o a opinar, a observar detalhes nos cenários, nas personagens, enfim, oportuniza-lhes não apenas visualizar as imagens, mas, interpretá-las de acordo com seu conhecimento de mundo e conhecimento prévio.

Os elementos da narrativa expressos em palavras e imagens destacam os significados da história. A linguagem visual é uma forma prática de comunicação e facilita a interação.

Ressaltamos que o texto que apresenta apenas ilustrações sem o código verbal escrito também é interpretado por leitores de várias nacionalidades conforme o que está explícito nas imagens. As ilustrações possuem significação por si mesmas. Cabe ao leitor apropriar-se dessa significação.

Conforme Faria (2008, p. 39), nos bons livros infantis ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa. Para ela, a articulação equilibrada entre texto e imagem provém do uso ideal das funções de cada linguagem; a escrita e a visual.

Ainda afirma a autora (*op. cit.*, p. 42), a imagem precisa concentrar elementos de hipersignificação da narrativa: os elementos estáticos e os elementos dinâmicos.





Os elementos estáticos são ligados à descrição, por meio de sugestões espaciais, como o ambiente que se passa a ação, as personagens e suas características como a roupa que vestem, o lugar em que vivem, seus objetos pessoais, etc.

Já os elementos dinâmicos são ligados ao encadeamento da narrativa, como exprimir com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa.

As ilustrações são elementos narrativos e estabelecem uma relação plurissignificativa com o texto verbal. Elas favorecem a dimensão imaginativa do leitor.

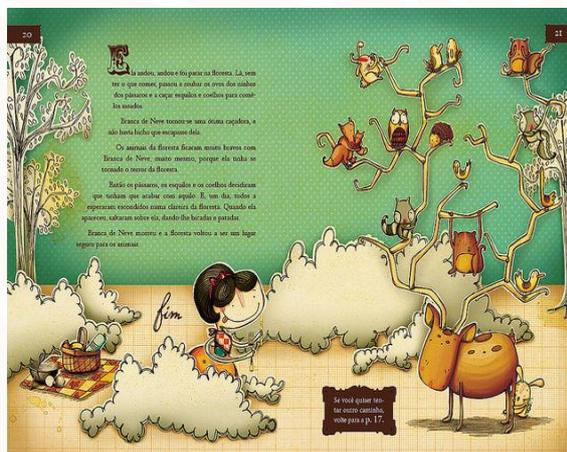
Tavares (2018, p. 67) postula que o livro infantil apresenta-se como um espaço constituído por elementos das linguagens do texto e da imagem. E considera que de maneira geral, ainda são priorizados a palavra e os modos de ler em um conjunto de interdependências entre o texto escrito e as imagens, condicionando a construção dos sentidos da leitura aos graus de adequação da imagem ao texto ou ao afastamento e inadequação de realização desse contraponto.

Para Vasconcelos (2018, p. 85), as imagens cumprem adequadamente o seu papel nos livros infantis ilustrados quando são capazes de provocar novas associações e abrir espaços ao imaginário do leitor.

Dessa forma, as ilustrações possuem caráter relevante e favorecem a compreensão do texto. Na atualidade, o uso do signo visual possui praticidade na comunicação e é representado por inovações dos recursos gráficos. O discurso gráfico-visual promove a ponte leitor-história, firmando uma conexão das linguagens verbal e visual, propiciando novas expectativas a quem lê.

5. Ilustrações em *Branca de Neve e as sete versões*

Figura 1



(TORERO E PIMENTA, 2011, P. 21)





Na figura 1, Branca de Neve estava na floresta. Lá, sem ter o que comer, pegou ovos dos ninhos dos pássaros, caçou esquilos e coelhos para comê-los. Ela tornou-se uma ótima caçadora. Os animais ficaram bravos com Branca de Neve porque ela tinha se tornado o terror da floresta.

Quando a moça apareceu, deram-lhe bicadas e patadas. Branca de Neve morreu e a floresta voltou a ser um lugar seguro para os animais.

E agora, surge uma pergunta, conduzindo a escolha por parte do leitor. Vimos em Torero e Pimenta, 2011, p. 21: “Se você quiser tentar outro caminho, volte para a p. 17.”

O texto literário é polissêmico, haja vista que sua leitura provoca no leitor reações diversas. Ele proporciona ao leitor adquirir conhecimentos variados, ter novas ideias, atendendo suas expectativas e competências.

O leitor refletirá sobre sua responsabilidade na escolha de um outro caminho para Branca de Neve. Evidentemente, questionamentos do tipo: *Será que Branca de Neve terá uma outra postura percorrendo outro caminho? Será que ela não pegará ovos dos ninhos dos pássaros nem caçará esquilos e coelhos para comê-los? Será que ela continuará viva?*

A escolha do leitor depende do conhecimento de mundo, do conhecimento prévio e da lógica da consciência ideológica. Para Bakhtin, a ideologia tem uma acentuação valorativa. Então, a escolha feita pelo leitor apresenta o índice de valor de um grupo social ao qual pertence.

As ilustrações colaboram na atribuição de sentidos aos textos e seus não-ditos antes da leitura do texto escrito.

Figura 2



(TORERO E PIMENTA, 2011, p. 27)

Como é possível observar na figura 2, a Madrasta disfarçada de velha horrenda, foi para a floresta e quando chegou à casa dos anões, perguntou se Branca de Neve queria aquela maçã.

Como a moça estava com fome, aceitou o fruto vermelho e reluzente e perguntou:

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





-Quanto custa, boa velhinha?

-Eu a darei de presente para você, boa criança.

-Isso não é justo, amável senhora!

-Mas me fará feliz, bela rapariga. Coma e descanse em paz.

E, dizendo isso, a velha, que era a Madrasta disfarçada, entregou a maçã com veneno para Branca de Neve.

Posteriormente, o leitor precisa fazer uma escolha diante das possibilidades que se lhe apresentam, a saber:

Se você acha que ela aceitou a maçã, mas guardou-a, vá para a p. 28.

Se você acha que Branca de Neve mordeu a maçã na hora, vá para a p. 32.

A ilustração favorece o processo de compreensão. O leitor fixa o olhar para o que está vendo, observando a vivacidade do texto. O colorido é apresentado de forma a enriquecer a imagem.

Nesta obra, ao ser convidado a escolher, o leitor se encontra face a duas possibilidades. Cabe-lhe, pois, dialogar com a voz que lhe oferta essas possibilidades. Assim, o leitor cumpre sua tarefa: dar continuidade a história.

Considera-se um trabalho em que o leitor se sente instigado a refletir qual a escolha a realizar. A página que conduz para a escolha é de suma importância, pois, o colorido, a apresentação e a exploração das imagens direciona para a referida ação.

6. Considerações finais

Neste trabalho, abordamos a história *Branca de Neve e as sete versões* com base na teoria dialógica da linguagem e com isso, depreendemos que o sujeito, em seu cotidiano e em todas esferas sociais, assume diversos lugares enunciativos. Portanto, enunciar é interpretar enunciados, assumir determinadas vozes discursivas e também recusar outras que surgem nos enunciados.

A escrita da narrativa quebra paradigmas convencionais e propõe ao leitor a escolha do prosseguimento da história. É nesse caminho que usamos algumas noções da teoria dialógica para fazer a análise da história em tela. As noções de dialogismo, polifonia, noção de consciência, noção de valor, ideologia, compreensão responsiva e entonação são observadas em todo o percurso da narrativa.

As relações dialógicas do homem estão imbricadas também na literatura infantojuvenil desde suas fontes indo-europeias até os dias atuais.

Há de fato uma articulação entre texto e imagem no referido livro infantil ilustrado, apresentando, pois, duas formas distintas de linguagem que estão imbricadas, favorecendo a





VII ENLIJE

compreensão da narrativa e instigando reflexões, atitudes, posicionamentos que resultam do encontro entre livro e leitor.

7. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11ª. ed. São Paulo : Ed. Hucitec, 2004 (1ª. edição, 1929).

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

IVANOVA, Irina. **O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Heber de O. Costa e Silva. Bakhtiniana. São Paulo, v. 1, n.6, 2011.

_____. **Lev Jakubinski (1892-1945): O destino de um linguista russo**. Tradução de Luiza Guimarães Santos. Cadernos cenpec. São Paulo: v.2, n.2, p.225-241, dez. 2012.

JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal. Textos inéditos e apresentados por Irina Ivanova**. Tradução de Dóris Arruda C. da Cunha e Suzana L. Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LÔBO, Danilo. **O inter-relacionamento entre textos e ilustrações nos livros de literatura infanto-juvenil**. Itinerários, Araraquara, p. 81-90, 1999.

SILVA, Denise Almeida; NIEDERAUER, Sílvia Helena. **Leitura: a literatura infantil e juvenil hoje**. Revista Literatura em debate. Frederico Westphalen, v. 8, n. 14, 1. 1-7, ago. 2014.

TAVARES, Márcia. **Entre pontos e linhas: o lugar da imagem no livro infantil**. In: CARVALHO, Aluska Silva; MILREU, Isis; SANTOS, Nyeberth Emanuel Pereira dos; OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. (Orgs.). **Literatura e outras artes: interfaces, reflexões e diálogos com o ensino**. João Pessoa: Editora da UFCG, 2018.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Branca de Neve e as sete versões**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

VASCONCELOS, Fabíola Cordeiro de. **Relação verbal/visual no livro literário infantil e desenvolvimento da capacidade inferencial no leitor criança**. In: CARVALHO, Aluska Silva; MILREU, Isis; SANTOS, Nyeberth Emanuel Pereira dos; OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. (Orgs.). **Literatura e outras artes: interfaces, reflexões e diálogos com o ensino**. João Pessoa: Editora da UFCG, 2018.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado**. Tradução para fins didáticos por Ana Vaz.

